

Em parceria com



4ª Edição- *Conversas sobre o clima em África*

Acção climática orientada pela ciência para uma transição justa e humana

1ª Sessão, Maputo, Moçambique

27-29 Julho 2022

Introdução

O Centro Africano de Políticas Climáticas (ACPC) da Comissão Económica para África (ECA) em parceria com a Unidade de Mudanças Climáticas e Desertificação (CCDU) da África em parceria com a Comissão da União Africana (AUC) e o Fundo Especial ClimDev-África (CDSF) do Banco Africano de Desenvolvimento (BAD) acolherá as 4ª Conferências Climáticas de África (ACT) UNFCCC (COP27). O ACT deste ano consistirá em duas rondas de diálogos regionais organizados em formato híbrido. O primeiro evento será realizado em Moçambique para as sub-regiões da África Oriental e Austral e o segundo no Níger para as sub-regiões da África Central, Ocidental e do Norte.

A série dos webinars da ACT reúne diferentes perspectivas e partes interessadas para estimular um discurso pan-africano destinado a contribuir para o surgimento de uma narrativa africana sobre mudanças climáticas e desenvolvimento, aproveitando lições e experiências de grupos da sociedade civil, académicos, pesquisadores, jovens, sector privado e negociadores de mudanças climáticas. Este evento articula oportunidades que podem ser traduzidas em opções políticas por decisores africanos para construir sociedades e economias mais resilientes, ao mesmo tempo que se reforça a integridade ambiental.

Os parceiros da ClimDev-Africa convocaram três sessões ACT, que visavam estimular um amplo discurso informado por posições comuns africanas emergentes sobre uma série de questões pertinentes na Conferência das Partes da UNFCCC, e criar plataformas para a

discussão de perspectivas africanas sobre questões-chave nas ligações entre as alterações climáticas e as trajetórias de desenvolvimento transformador de África.

A ACT irá expor as mudanças climáticas que incomodam as comunidades e os governos da região, com impacto resultante no progresso em direção ao alcance das metas de desenvolvimento definidas na Agenda regional 2063 – “não deixar ninguém para trás” e na agenda 2030 da ONU para o desenvolvimento sustentável.

Os recentes 5º Relatórios de Avaliação do IPCC descrevem a ciência que sustenta o estado do clima hoje, bem como a base para os impactos observados e esperados das mudanças climáticas. Os relatórios pintam um quadro sombrio de futuros extremos se as emissões de CO₂ e a trajetória resultante do aquecimento global continuarem inabaláveis. Em África, tempestades, furacões e secas continuam a devastar comunidades e a interromper as actividades económicas tanto em nível local quanto nacional. Em março de 2022, o ciclone tropical Gombe atingiu Moçambique e causou a morte de 50 pessoas. Pouco depois, as inundações na África do Sul arrastaram casas inteiras, pontes e estradas, causando a morte de mais de 450 pessoas e deixaram milhares de desabrigados. A tempestade despejou quase a chuva de um ano inteiro em apenas 48 horas. Na Etiópia, Quênia e Somália, a seca persistente colocou 20 milhões de pessoas em risco de fome. Segundo a ONU, a sub-região vive sua pior seca em 40 anos, nas áreas afectadas, as pessoas vivem principalmente do pastoreio e da agricultura de subsistência. Uma má quarta estação chuvosa consecutiva desde o final de 2020 criou uma situação que é exacerbada por uma invasão de gafanhotos que destruiu as plantações entre 2019 e 2021. A seca prolongada também aumentou a exposição de mulheres e raparigas que caminham longas distâncias para acessar água expondo-se ao risco de violência e abuso.

Na África Ocidental, o agravamento das condições de seca e o esgotamento dos recursos hídricos levaram à insegurança alimentar para milhões de agricultores e pastores, levando à constante migração local e global em busca de melhores meios de subsistência. Esforços como a Grande Muralha Verde e empreendimentos maciços para plantar bilhões de árvores em países como o Benin dificilmente podem reduzir a seca recorrente exacerbada pelas mudanças climáticas, se não houver uma acção concertada e coordenada para lidar com as mudanças climáticas.

Enquanto muitos países afectados pela seca estão lutando para lidar com as consequências cumulativas dos impactos das mudanças climáticas, outros choques, incluindo conflitos internos, COVID-19 e deterioração das condições macroeconómicas e interrupções comerciais relacionadas à guerra na Ucrânia, também estão causando estragos nessas economias. A Transição Justa ganhou um alcance significativo no passado recente, à medida que os países realinham suas medidas de recuperação pós-pandemia. De acordo com o vice-presidente nigeriano Yemi Osinbajo, “Países como EUA, China, Japão e grande parte da Ásia e da UE incluem o gás como um dos principais pilares de suas estratégias de descarbonização de várias décadas, incluindo o desenvolvimento activo de gás africano em países como Moçambique, Ghana, Senegal e Nigéria para exportação para a Ásia e Europa, limitando o financiamento a projectos de gás para uso doméstico nesses países.” “Claramente, o continente exigirá uma escala de investimento sem precedentes. Um mix de energia compatível com um caminho de 1,5 graus Celsius exigiria US\$ 40 bilhões para fluir anualmente para a África Subsaariana; um aumento de quatro vezes em relação aos US\$ 10 bilhões investidos em 2018”, acrescentou.

A questão da transição energética justa para a África apresenta desafios que exigem uma abordagem multifacetada e inovadora para desenvolver estratégias eficazes para amortecer as comunidades vulneráveis aos impactos climáticos e salvaguardar o desenvolvimento econômico necessário para garantir o acesso à energia limpa e erradicar a pobreza. Uma transição justa também implica encontrar soluções para o desafio de identificar oportunidades de trabalho alternativas para os jovens, uma abordagem de toda a sociedade que liga a acção climática à justiça social e fornece um roteiro para os governos alcançarem um futuro sustentável que “*não deixa ninguém para trás*”.

Objectivo

O objectivo específico do 4º ACT é interpretar a ciência emergente dos relatórios do IPCC e as implicações resultantes para a acção climática, transição energética, insegurança humana, segurança alimentar e ambiental, social e de governança (ESG) em África. O discurso será guiado pelo tema das conversas, ou seja, “Acção climática orientada pela ciência para uma transição justa e segurança humana”, que se encaixará nas deliberações da décima CCDA e moldará as prioridades de África na COP27.

Objetivos específicos - Questões-chave

Para garantir que haja um discurso e engajamento adequados sobre os desafios regionais das mudanças climáticas anteriores, as deliberações do evento serão organizadas nos seguintes tópicos:

- Marcos e imperativos de acção climática e transição energética;
- Perspectivas regionais do ambiente, social e governança (ESG) em África;
- Desafios e estratégias para enfrentar a insegurança alimentar e humana;
- Aproveitando as mudanças climáticas, recuperação do Covid-19 e tempestade econômica;
- Da vulnerabilidade à resiliência. O que será preciso? Desafios e oportunidades em África e nos pequenos estados insulares em desenvolvimento (SIDS);
- Perspectivas e mensagens-chave para moldar as prioridades de África na COP27.

Produtos/resultados esperados

- Alargamento do debate sobre as alterações climáticas para estabelecer ligações críticas entre as alterações climáticas e as dinâmicas económicas, de segurança humana e políticas subjacentes;
- Contribuição para uma resposta climática mais abrangente, complementares as estratégias regionais e os quadros globais;
- Questionamento robusto da ciência por trás da crise interconectada, ou seja, escalada das mudanças climáticas, recuperação do COVID-19 e os desafios económicos resultantes.
- Mensagens-chave para a posição comum das prioridades de África para a COP27.

Público-alvo

Pesquisadores de África, tomadores de decisão e políticos, sociedade civil, grupos de jovens e mulheres, bem como grupos marginalizados nas comunidades de mudança climática e desenvolvimento.